



DUPLICATE
HARVARD COLLEGE
LIBRARY

HARVARD COLLEGE LIBRARY

SOUTH AMERICAN COLLECTION



THE GIFT OF ARCHIBALD CARY COOLIDGE, '87
AND CLARENCE LEONARD HAY, '08

IN REMEMBRANCE OF THE PAN-AMERICAN SCIENTIFIC CONGRESS
SANTIAGO DE CHILE DECEMBER MDCCCXVIII

DUPLICATE
HARVARD COLLEGE
LIBRARY

Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

59536

NOÇÕES PARTICULARES

PARA A

HISTORIA DA EMIGRAÇÃO PORTUGUEZA ;

OU

POLITICA, ADMINISTRAÇÃO, E DIPLOMACIA,

DOS

PRINCIPAES AGENTES DOS NEGOCIOS DE PORTUGAL.

A

FAVOR DO IMPERADOR DO BRAZIL.

LONDRES:

VENDE-SE NAS LOJAS DE T. MUDIE, 15, COVENTRY-STREET,

HAYMARKET;

E DE SPRAT, 137, TOTTENHAM-COURT-ROAD.

1830.

Harvard College Library
Gift of
DUPLICATE
Archibald Cary Coolidge
HARVARD COLLEGE
LIBRARY
Clarence Leonard Hay

Dec 11, 1912

ADVERTENCIA.

Os actos contradictorios do Imperador do Brazil a respeito de Portugal, e os dos homens, que se achão ainda á testa dos negocios dos Portuguezes Emigrados na Europa, tem sido tantos, taõ repetidos, e taõ publicos, que nos dispensariamos de os colligir, se naõ fossemos impellidos, pelo abandono em que se achão os nossos compatriotas, a patentear ao mundo hum resumo dos mesmos actos. O mundo fará justiça ao sofrimento dos Emigrados, e conhecerá que as pessoas, que tem dirigido os seus negocios, naõ são por certo esses grandes homens de estado, que alguns aduladores, e serviz, ou por dependencia, ou lisonja, tanto se tem afadigado em apregoar como taes.

Naõ hé o odio, nem a vingança que nos moverão a escrever, e publicar pela imprensa humas poucas de linhas á cerca do Imperador do Brazil, e dos seus chamados agentes em Inglaterra; hé o desprezo para com

os Portuguezes Emigrados, a pár de muitos erros, e de muita maldade, dos que tem a seu cargo a direcção dos negocios dos mesmos Emigrados, que nos obriga a romper o silencio, que áliás quizeramos guardar, sobre as seguintes noções, que podem servir para a Historia da Emigração Portugueza.

Diremos por ultimo, que no estado em que nos achamos devemos considerar-nos no meio deste dilemma—ou voltamos a Portugal, ou não:—se voltamos, cumpre que não continuem a infelicitar-nos aquelles, que por ineptos, e perversos até agora o tem feito:—se não voltamos, fique a conducta dos mesmos como lição aos nossos vindouros.

INDICE DOS ARTIGOS.

✓ Dos poderes concedidos a hum Brasileiro, qual o Marquez de Barbacena, para tratar com o Governo da Gran Bretanha sobre os negocios de Portugal; e da conducta deste agente em Londres.

Do governo da Rainha menor a Senhora D. Maria da Gloria; e da regencia em nome de D. Pedro IV., em Inglaterra; e da outra regencia creada pelo Decreto de 15 de Junho de 1829.

Da Deputação que foi ao Rio de Janeiro pedir providencias ao Imperador do Brazil sobre as cousas de Portugal.

Da sahida dos Portuguezes Emigrados para o Brazil.

✓ Da missão do Marquez de Palma á Europa, e da deliberação que tomou nesta occasião o Marquez de Barbacena.

Da chegada da Rainha a Senhora D. Maria da Gloria a Inglaterra; e do seu regresso ao Brazil.

Dos actos do Visconde de Itabayana na questão de Portugal.

Da conducta politica do Marquez de Palmella, desde 23 de Maio de 1828, em que se deo por demittido de embaixador de Portugal,

até 27 de Fevereiro do corrente anno, em que sahio para a Ilha Terceira.

Das acções de Joze Antonio Guerreiro como embaixador de si mesmo, conselheiro por devoção, regente por favor de hum amigo aquem trahio ; e ultimamente, como Nero dos Portuguezes Emigrados.

✓ Das Letras, e da nova Tabella.

Da administração dos fundos, pertencentes aos dividendos do emprestimo de Portugal, postos á disposição do Marquez de Palmella.

Da actual situação dos Emigrados.

Das passagens mais notaveis de diversas correspondencias sobre o estado dos negocios dos Portuguezes Emigrados.

Londres,
20 de Maio de 1830.

N. B.—Circunstancias particulares ao author desta obra, o obrigaõ a publicar interpoladamente os artigos della, segundo elle crê mais acertado, e sem attenção á ordem das dattas. Com tudo, como todos elles haõ de vêr a luz do dia, o leitor os poderá depois coordinar segundo a ordem do indice.

Cada hum dos ditos artigos, ou mais de hum, segundo a sua extensão, occupará duas folhas de impressão.



DA MISSAO

DO

MARQUEZ DE PALMA Á EUROPA, E DA DELIBERAÇÃO QUE TOMOU NESTA OCCASIAO O MARQUEZ DE BARBACENA.

A MISSÃO do Marquez de Palma á Europa teve por objecto —a cessação de todas as despezas com a questão de Portugal, e consequentemente dos soccorros aos Emigrados Portuguezes —levar sem mais demora, ou pretexto a Senhora D. Maria da Gloria para o Rio de Janeiro—ficarem de nenhum effeito as graças feitas em Laleham de camaristas, e medicos da camara, que effectivamente foraõ despedidos á maneira dos criados Inglezes, que tinhaõ sido tomados para o serviço ordinario da mesma Senhora—e desonerar o Marquez de Barbacena do negocio do casamento.—Esta foi em summa a missaõ do Marquez de Palma, o qual chegou a Londres no dia 19 de Agosto de 1829, achando-se já a este tempo concluido o casamento do Imperador, seu amo. O que entaõ se passou entre a chamada regencia, e o Marquez de Barbacena, hé taõ particular, e contem circumstancias taõ extraordinarias, e miudas, que

julgamos a proposito deixar para o fim deste artigo a sua narrativa.

Convêm agora fallarmos do Marquez de Palma. O Marquez de Palma, que taõ empenhado se mostrou na execução das ordens do Imperador, seu amo, e que tratou mal o Sr. Palmella, a ponto de lhe naõ querer aceitar hum jantar de familia, naõ recebeu aqui o melhor tratamento, o que era de esperar attenta a missaõ de que vinha encarregado: elle teve por tanto de ir para o Brazil na mesma embarcaçaõ, que o conduzio á Europa, naõ obstante a qualidade de Mordomo Mõr da Imperial casa Brazileira, e mesmo naõ obstante vir nomeado Camarista da Senhora que *quizesse ser Imperatriz do Brazil*, dando a maõ de esposa ao Imperador *Constitucional*, teve de ir, repetimos, na mesma embarcaçaõ, porque o Marquez de Barbacena naõ consentio que elle puzesse os pés nos seus estados, isto he, abordo da Fragata Imperatriz, que conduzia ao Rio de Janeiro a Senhora D. Maria da Gloria, e a nova Imperatriz, arranjada finalmente depois de tres annos de fadigas, e de trabalhos para achar na Europa huma Princeza, que *quizesse casar* com o Imperador do Brazil. Todavia o Marquez de Palma naõ se deu por offendido deste máu tratamento, porque recebendo aqui humas seis mil Libras esterlinas, por trazer a Londres esses bons despachos de seu amo, naõ quiz saber de mais cousa alguma, metteo-se abordo do seu Chaveco, e fez-se á vela para o Rio de Janeiro, deixando com tudo na Corte de Jorge IV. huma amostra da polidez da Corte do Brazil, pois que se naõ cançou em procurar os Ministros de S. M. Britanica, nem pessoa alguma da sua Corte!

Levou porem na sua companhia seu Irmaõ D. Thomaz de Mascarenhas, que sendo camarista não foi abordo da Fragata Imperatriz !

Muitas foraõ nesta occasiaõ as queixas contra o Conde de Sabugal ; por que sendo agente do Sr. Palmella no Rio de Janeiro, não soube dos despachos de que foi portador seu irmaõ o Marquez de Palma, vivendo em sua casa de cama, e mesa ; e andando de coche com o Imperador, pelo grande apreço que este fazia da sua pessoa, como se publicou aqui em Londres, em hum impresso ! Entaõ se disse que as çharadas não davaõ tempo ao Conde de Sabugal, para saber o que se passava no Rio de Janeiro ; nem lugar ao Imperador para lhe communicar o que fazia a respeito de Portugal.

Trataremos agora do que occorreo entre a chamada regencia, e o Marquez de Barbacena. O Marquez de Barbacena olha para o Marquez de Palma, e com razaõ, ou sem razaõ, ri-se : o Marquez de Palma zangado, ou desconfiado, abaixa a cabeça, encolhe os hombros, e faz meia volta á direita : o Sr. Palmella, porem, não se ri, e mais desconfiado do que o Marquez de Palma, agarra nos cabeções do Marquez de Barbacena, leva-o para huma sala, e assim lhe falla : —E como hade ser isto das Letras Sr. Marquez ? Não lhe dê isso cuidado, Sr. Palmella, responde o Marquez de Barbacena, e continua—veja se encontra quem facilite ahi humas quarenta mil Libras, ou mais, que eu me responsabilizo pelo seu pagamento, com todas as condições que quizerem, que depois eu os farei suar para haverem o seu dinheiro.

A este tempo entra na sala Jose Antonio Guerreiro com o Marquez de Valença a traz, o qual se não via: he informado sobre o assumpto, declara a Patria em perigo, e propõe huma sessaõ permanente.—Grandes risadas do Sr. Valença—o qual pondo-se logo em pé sobre huma cadeira, tomou a palavra, e disse.—Para que hé huma sessaõ permanente? Eu não sei se a Patria está em perigo, o que lhes posso assegurar he, que a não vejo ha dois annos. Em perigo estamos nós coma vinda do Marquez de Palma; por outra, os nossos interesses hé que estão em perigo, e hé sobre este ponto que devemos tratar; esta hé que hé a verdadeira questaõ; esta hé que hé a razaõ das razões; este hé que hé o direito dos direitos; tudo que não for isto, hé fóra da ordem, e por tanto fora de proposito. Ouvi fallar aqui em sessaõ permanente! Não sabem que se nos metessemos em tal, teriamos de estar em sessaõ permanente seis mezes pelo menos, ate que chegasse a Londres a resposta do Imperador do Brazil ás nossas propostas? Qual seria o homem, ainda o mais robusto e o mais patriota, que tivesse a paciencia de esperar seis mezes por huma resoluçaõ do Rio de Janeiro, já não digo sentado n'huma cadeira, mas ainda mesmo passeando na sala? Proponho, portanto, huma sessaõ secreta, em lugar de huma sessaõ permanente, e de cinco minutos, se for possivel, por que sou doente, e desejo ver isto acabado—(approved, depois de muitos apoiados; e todos a huma voz—estamos instalados em sessaõ secreta.)

SESSAÕ SECRETA.

O Sr. Palmella.—Tendo a palavra disse.—Como a sessaõ hé

secreta, e o momento hé critico, prescindamos de todas as formalidades exigidas n'uma assembléa legalmente constituida; proponho por tanto, que naõ haja Presidente, nem secretario—(approvado). Entaõ vamos, continuou o Sr. Palmella, ao que importa.—As ordens do Imperador do Brazil, que se achaõ sobre a mesa, e de que foi portador o Marquez de Palma, equivalem ao abandono de Portugal: nestes termos he necessario avisar o Villa-Flor, para que abandone a Ilha Terceira, pois que naõ he justo que o sacrificuemos. E quanto ás Letras, que tive a condescendencia de aceitar, e que devem impreterivelmente ser pagas, espero que o Sr. Barbacena haja de providenciar o seu pagamento, antes de se retirar de Inglaterra, aliás terei de ir para o King's Bench.

O Sr. Barbacena.—O meu credito naõ está ainda de todo perdido, e creio que a minha firma ainda valerá para alguma cousa. Eu já disse ao illustre regente, que huma vez que houvesse quem emprestasse quarenta mil Libras ou mais, estava prompto a responsabilisar-me pelo seu pagamento, por que em chegando ao Rio tudo se arranjará.

O Sr. Valença.—Tenho a fazer já cinco proposições, qual dellas mais urgente.—1°. Que seja banido desta sala o nome de regente, bem basta a triste figura que temõs feito; e de mais, se sonharem que he a regencia que trata de pedir as quarenta mil Libras, ou de contrahir hum emprestimo, ou emfim, que d'algum modo entra neste negocio, estou certo que naõ apparecerá hum shilling; táes saõ já os rumores e as desconfianças a nosso respeito.—2°. Que se chame o secretario

Balbino para lavrar a acta da presente sessaõ.—3ª. Que cada hum de nós tome a palavra todas as vezes que quizer.—4ª. Que se faça esconder em alguma casa o Marquez de Palma por bem, ou por mal.—5ª. Que se desmintia, por hum impresso dos nossos, a sua chegada a Londres—e reservo-me para fallar sobre a materia.

O Sr. Guerreiro.—Approvo todas as propostas do Sr. Valença, excepto porem, a do secretario para escrever a acta da presente sessaõ; e a que diz respeito ao impresso desmintindo a chegada do Sr. Marquez de Palma.—Já se venceu que não houvesse Presidente, nem secretario, e neste caso seria irrisorio assentarmos agora n'uma cousa, para a desmancharmos d'ahi a meia hora.—Quanto as impresso, acho summamente delicado hum tal arbitrio, por isso que he publica a chegada daquelle fidalgo *Brazileiro* a Londres: arriscamo-nos sem duvida não só a ser desmentidos, e com razãõ, pelos malditos Periodicos desta Capital, mas até a levar alguma batida do Times, que he o mais temivel de todos elles, e o que eu mais respeito: fundado, pois, nestas razões não admitto o impresso lembrado pelo Sr. Valença.

O Sr. Val.—Concordo que não haja secretario, huma vez que está vencido, que não haja secretario; mas proponho que venha o Sr. Balbino como Tachigrapho, para recolher o fino das nossas fallas.—Quanto porem ao impresso, não posso por principio algum conformar-me com a opiniaõ do meu illustre collega o Sr. Guerreiro. Convêm tanto desmentirmos a vinda do Marquez de Palma, por hum impresso, como realisarmos o

emprestimo, em virtude dos poderes que têm o Sr. Barbacena. Eu não receio que sejamos desmentidos, o que receio hé, que se não faça o empréstimo; e para este se fazer hé que lembrei, logo no principio da sessaõ, que se escondesse o Marquez de Palma por bem, ou por mal; e que desmentissemos a sua chegada á Europa. E se formos desmentidos, não vejo que d'ahi possa resultar desaire ás nossas pessoas: esconda-se o Marquez de Palma, e deixem fallar o Times, o John Bull, o Morning Journal, e quantos quizerem fallar.

O Sr. Palm.—Lamento que se esteja aqui perdendo o tempo com questões tão pueris.—Muito embora venha o Sr. Albino; porem opponho-me á publicação do impresso lembrado pelo Sr. Valença, pelas razões que expendeo o Sr. Guerreiro; e opponho-me também a que se lance mão de violencia contra o Marquez de Palma, porque nos devemos lembrar que estamos em Inglaterra; approvo porem as outras proposições do Sr. Valença. (Approvadas sem mais discussaõ.)

ENTRA O SR. ALBINO,

e senta-se.

O Sr. Guer.—Eu considero o negocio arranjado; o Sr. Barbacena tem muitissimos creditos na Praça de Londres, e as Libras haõ de apparecer.

O Sr. Palm.—Duvido muito sabendo-se as difficuldades em que nos achamos.

O Sr. Val.—Pois não haverá mais algum asno que cáia? (á

ordem, á ordem,) Não me chamem á ordem, que eu não disse cousa que escandalisasse.

O Sr. Guer.—Resta saber como hade ser feita a proposta, quem se hade procurar, ou quem se hade chamar a esta sala. O Sr. Balbino talvez se lembre d'algum seu amigo que queira, e possa emprestar a soma em questaõ, com as condições que quizer, pois que o Sr. Barbacena, segundo vejo, está disposto a fazer todos as sacrificios para valer ao Sr. Palmella.

O Sr. Balbino.—Talvez que o meu amigo de Baker Street queira fazer algum arranjo a este respeito. Eu lhe escrevo para vir aqui se V. Exas. são deste parecer.

O Sr. Val.—Irria com tanto Baker Street ! Esse homem não he para nada ; he hum papelaõ, conhecido como tal ; he hum miseravel, e de mais, desgraçadamente elle sabe de todos os nossos podres ; e he notorio que não entra em negocio algum sem grandes seguranças, e vantagens. Verdade hé, que quanto ás vantagens não poderia haver duvida, porque o Sr. Barbacena podia conceder-lhe todas as que elle quizesse ; porem não se lembrem de semelhante homem.

O Sr. Balb.—Se me hé permittido ter a palavra, peço licença para fallar. (falle, fãlle.) Não posso admittir que se diga, que o meu amigo de Baker hé hum ente nullo. Elle tem prestado á nossa causa mui distinctos e relevantes serviços. Eu chamo a attençaõ de V Exas. para o Belfast, que elle descobrio, e apromptou com hum desinteresse, e desvelo, que não se encontraria por certo em qualquer outra pessoa, que fosse encar-

regada de descobrir, e apromptar em dezanove dias hum Barco de Vapor em Londres! Chamo taõbem a atençaõ de V. Exas. para o zelo, e habilidade, que elle desenvolveo na promptificaçaõ dessas espingardas, que foraõ para o Ilha Terceira na Fragata Izabel; aindaque alguns malevolos, seus, e meus inimigos, espalharã que estas espingardas tem o mesmo prestimo, e a mesma idade do Belfast. Eu trato taõ somente de mostrar, que este homem naõ hé taõ insufficiente como se pensa.

O Sr. Guer.—Talvez dando-se-lhe huma commenda que elle por si, ou por outrem, faça o negocio.

O Sr. Balb.—Se V. Exas. estaõ dispostos a dár-lhe huma commenda, devo dizer-lhes, que há muito que elle suspira por hum Craxá; assim como pelo lugar de Consul Geral de Portugal em Londres. Alguns entenderes me tem já dado a este respeito.

O Sr. Val.—Já que se fallou no memoravel Belfast, assumpto sobre o qual eu desejava, que se guardasse hum perpetuo silencio, por muitos, e differentes motivos; protesto fazer em occasiaõ opportuna, huma indicaçaõ para esta assembléa pedir a algum poder executivo cá deste mundo, haja de ordenar huma séria investigaçaõ sobre as circumstancias, que precederaõ ao arranjo dáquelle Barco, para virmos no conhecimento de certas particularidades, que ainda nos saõ occultas. Eu fui hum dos que naõ quiz ir ao Porto, e disso naõ estou arrependido. Todos sabem os bens que resultaraõ da tal expediçaõ, verdadeiramente de Vapor.

O Sr. Palm.—Peço a ordem: os Srs. que tem fallado estaõ inteiramente fora da questaõ.

O Sr. Guer.—Eu taobem peço a ordem; tudo que naõ for tratar do emprestimo, he desordem.

O Sr. Val.—Eu levantei-me para responder ao Sr. Tachigrapho, cujo discurso importava hum ataque. He-me indifferente que se chame a esta sala o homem de Baker Street, ou para melhor dizer, Lord Puff, e que se lhe dem dois, ou tres Craxás, e ate huma Gran Cruz, porque nós temos tanto direito para fazer essas graças, como o publico para se rir do sujeito que as receber, e cahir em usar das insignias. Hé verdade que nós temos hum exemplo, que pode de algum modo desculpar-nos. D. Joaõ da Falperrêa fez-se commendador de todas as ordens, sem que ninguem se embaraçasse com isso. (á ordem, á ordem.) Hé forte mania, sempre que fallo sou chamado á ordem!

O Sr. Barb.—O Sr. Valença tocou n'um objecto que eu muitas vezes tenho lamentado. Quando em Gibraltar recebi a noticia dos desastres do Porto, duvidei por algum tempo da sua veracidade; estive quasi a seguir para Vienna d'Austria, em vez de vir para Inglaterra; mesmo em Falmouth o meu espanto foi grande ao receber a confirmação de hum acontecimento, que eu naõ podia acreditar; tenho constantemente lamentado aquelles desastres, tanto pelas desgraças que dáhi se tem seguido, e que saõ notorias, como pelo mui bem fundado argumento que se pode, e deve necessariamente deduzir

de hum tal desfecho, e hé :—que a Nação Portugueza não quer o que então se proclamou.—Notarei taõbem que, por huma especie de fatalidade, as desgraças do Porto estenderaõ-se com incrível electricidade á Ilha da Madeira, que teve de succumbir sem disparar hum só tiro!

O Sr. Val.—Em toda a parte appareceu a inepecia a pár da fraqueza e do medo! Mas como não havia de succeder assim, se houveraõ militares, que atrahidos pelos conductores de algumas barricas, que se achavaõ no poraõ da Fragata de Mr. Canning, deraõ aos calcanhares, pensando que deste modo tinhaõ salvado a Ilha com honra e gloria!

O Sr. Guer.—Torno a pedir a ordem : não he este o objecto da nossa discussaõ ; se o fosse, eu mostraria ao Sr. Barbacena, que todos os males nasceraõ da Junta, e não do Belfast.

O Sr. Val.—Conheço que esta não he a materia de que devemos tratar ; conheço que nada mais doloroso do que tocar nas profundas feridas, que a embecilidade de hunos, e a cobardia de outros, abriãõ no seio da minha Patria ; conheço que o objecto da presente sessaõ, hé hum emprestimo, e não o nosso processo ; conheço tudo isto, mas a dôr que me dilacera o coração, as pungentes recordações, o triste quadro, que se me apresenta a todos os momentos, em huma palavra, a idéa horrivel dos males soffridos por tantas familias, dignas por certo de melhor sorte ; dá-me em fim todo o direito para manifestar os meus sentimentos sobre os fataes, e horrosos acontecimentos do Porto. Nem eu seria homem, e de monstro teria

todas as formas, se deixasse de expressar estes sentimentos, sempre que a occasião mo permittisse, só por que podia desgraçar aos authores de tantas desgraças.

Quem com justiça, ou sem justiça, projecta e leva a effeito huma revolução, contrahe desde logo o dever de a levar ao fim, disputando passo a passo com o contendor, até conseguir o seu triumpho, ou morrer com a espada na mão: para isto não he preciso ser Bruto, nem Cataõ; he preciso não ser embecil, nem fraco: fazer huma revolução para fugir, e comprometter; entrar n'uma revolução para fazer victimas, e fugir taobem; hé hum crime, e hum crime taõ grande, e imperdoavel, que em toda a parte hé punido de morte.

O Sr. Barb.—Não fallemos mais em semelhante assumpto. Veja Sr. Balbino se se lembra de outra pessoa, porque o seu amigo, pelo que tenho colhido da discussaõ, não serve.

O Sr. Balb.—Entaõ lembro-me do Silva. (apoiado, apoiado.)

O Sr. Guer.—Chame-se o Silva. (approvado)—

Depois de huma pequena discussaõ se devia, ou não, ser admittido o Sr. Silva á sessaõ secreta, ou se seria mais proprio nomear-se huma commissaõ de fazenda para tratar com elle em hum quarto contiguo á sala da sessaõ, sobre o emprestimo que se pretendia; decidio-se unanimemente, que fosse admittido na sala para assistir á sessaõ secreta.

O Sr. Val.—Proponho que venha o Lunch em quanto não chega o homem, porque isto naturalmente hade deitar para muito tarde; e não esqueçaõ as pastilhas de New Bond Street. (apoiado, apoiado, apoiado.)

O Sr. Barb.—Eu apoiei a proposta do Sr. Valença, porem tenho a fazer huma reflexaõ. Venha muito embora o Lunch com as pastilhas; mas não nos demoremos muito tempo á mesa, para que não pense o tal Silva, vendo-nos neste acto, que nós não tratamos de outra cousa senaõ de comer, e que por consequencia taobem somos capazes de engulir o emprestimo.

O Sr. Guer.—Hé sem duvida mui judiciosa a reflexaõ do Sr. Barbacena; porem devo ponderar, que o homem nada tem com a applicaçãõ do emprestimo: nós podemos dár-lhe o destino que quizermos huma vez que se diga, que hé abem da causa. O medo muitas vezes hé o motivo de se fallar. Entretanto, sou de parecer que por ora não haja profusaõ, e que venhaõ pastilhas só para o Sr. Valença.—(approvedo.)

Depois de meia hora retirou-se o Lunch; e entrou na sala o Senhor Silva, deixando fora o seu Rabaõ; e dizem-lhe todos a huma voz—tome assento V. S.

O Sr. Guer.—Não repare V. S. na senhoria, que nós lhe damos, por que tencionamos dár-lhe a carta de conselho.

O Sr. Val.—E se fizer o milagre conte taobem com o

foro grande para seus filhos, e com huma commenda para seu sogro, que dizem ser hum Inglez muito capaz—(o homem está cahido, temos dinheiro, mas duvido muito que se paguem as Letras, e aos Emigrados—disse o Sr. Valença, esfregando as mãos, ao seu collega da direita.)

O Sr. Silva.—Mas, Senhores, qual hé o negocio?

O Sr. Barb.—Em duas palavras lhe vai a ser proposto— Eu tenho poderes illimitados do Imperador, meu amo, para tudo que for a bem dos negocios de Portugal: não temos actualmente fundos para occorrer ao pagamento das Letras, que o Sr. Palmella tem aceitado, e que devem ser infalivelmente pagas, para se não perder o credito; nem tão pouco para se satisfazer os subsidios aos Emigrados, ainda que isto não hé o que nos dá maior cuidado, a pesar da miseria, e da desgraça em que dizem elles se achaõ: mandámos pois chamar o Sr. Silva, para que nos diga se quer fazer hum emprestimo de quarenta mil Libras esterlinas, ou de maior quantia, com o premio, e commissaõ, e mais alguma outra vantagem, que for razoavel.

O Sr. Silva.—Eu não tenho a menor duvida de entrar em algum contracto a semelhante respeito, huma vez que o Sr. Barbacena tenha esses poderes, e que elle se faça com toda a legalidade, e com todas as garantias necessarias. Porem devo ponderar, que hé voz geral na Praça ter chegado a Londres o Sr. Marquez de Palma com ordens mui positivas do Imperador do Brazil, para cessarem todas as despesas com a ques-

taõ de Portugal : e neste caso, estou certo que todo e qualquer contracto que se fizer, hé nullo, e sem effeito.

O Sr. Val.—Naõ creia Sr. Silva em tal : o Marquez de Palma naõ sahio do Rio de Janeiro; tudo quanto tem ouvido dizer a semelhante respeito he falso, he forjado, e espalhado pelos nossos inimigos, que naõ cessaõ de nos apoquentar, procurando todas os meios de empêcer o andamento da nossa causa que, como sabe, nunca apresentou taõ bella prespectiva como no momento actual. Repito, o Marquez de Palma naõ veio a Inglaterra : isso que se diz naõ hé mais do que hum boato taõ absurdo, que por si mesmo se destroe ; e senaõ diga-nos ; já vio o Marquez de Palma ? E por ventura pode entrar na cabeça de alguém, que achando-se o Sr. Barbacena na Europa, encarregado do casamento do Imperador do Brazil, este mandasse o M. de Palma para o mesmo fim ? Pode isto entrar na cabeça d'alguém, e muito mais se nos lembrarmos da estima, e do conceito, que o Imperador faz de S. Exc. ? E pode taobem entrar na cabeça de alguém, que o Imperador, que taõ desvelado se tem mostrado até aqui nas cousas de Portugal, mandasse o Marquez de Palma com essas ordens que dizem, e que em tal caso equivaliaõ ao abandono de huma causa, porque elle tanto se tem empenhado ? O Marquez de Palma, que hé o Mordomo Mór do Imperador, e como tal jámais inseparavel du sua imperial pessoa, havia de sahir do Rio de Janeiro ? Naõ creia em tal Sr. Silva ; essa noticia que lhe deraõ, e que corre sem fundamento, só para nos inquietarem, vai a ser desmentida por hum

impresso nosso, que está a chegar da imprensa, e hé quanto basta para se não dever acreditar.

O Sr. Silva.—Já disse que não tinha duvida alguma em fazer o emprestimo que se pretende, e mesmo outro qualquer, humã vez que se me prestem todas as seguranças, sem o que não me he possivel entrar no negocio que se me propõe, não tanto por mim, como pelas pessoas a quem necessariamente hei de recorrer para apromptar as somas necessarias, pois não tenho fundos para empatar.

O Sr. Barb.—Ali sobre aquella mesa há hum Decreto, que o Sr. Guerreiro trouxe do Rio de Janeiro, authorisando hum emprestimo de huns poucos de milhões de crusados, para serem pagos por Portugal, mas por certos inconvenientes, que não saõ para aqui, nem vem ao caso, julgamos que não deviamos tratar de semelhante emprestimo : por outro lado, sempre se hia apurando alguma cousa do dividendo pertencente ao emprestimo de Portugal ; em fim, nunca esperamos o empate da venda do páu Brazil, e de alguns outros effeitos que sabe : porem agora que chegamos a hum verdadeiro apuro, e que todos os dias, e a todas as horas estaõ batendo á porta do Sr. Palmella as Letras que elle aceitou, sacadas pelo Sr. Villa-Flor, que taõ heroicamente tem sustentado, e defendido a Ilha Terceira, não do furor das ondas, mas dos seus inimigos ; hé necessario reccorrermos a hum emprestimo, embora se faça algum sacrificio. Se o Sr. Silva quer fazer o emprestimo dos milhões de que trata aquelle Decreto, ou outro qualquer, eu

naõ tenho duvida de lho fazer bõm, logo que chegue ao Rio de Janeiro, responsabilizando-me desde já pela ratificaçãõ do Imperador, e pelo seu exacto cumprimento; para o que prestarei as garantias, e seguranças que quizer, na certeza de que tenho poderes illimitados para tudo; porem hade dár desde já as quantias que o Sr. Palmella lhe pedir para pagar as Letras, e os subsidios aos Emigrados.

O Sr. Guer.—Devo advertir a V. S. que o Sr. Barbacena he modesto ao ponto de lhe occultar certas circumstancias importantes. O Sr. Barbacena tem concluido, como sabe, o casamento do Imperador, vencendo insuperaveis difficuldades, e suplantando intrigas, que eu naõ posso agora mencionar; e se até aqui, pela sua grande influencia, e accesso ao Imperador, seu amo, dava a lei no Brazil como dez, agora a dará como cem.—Mais, o Sr. Barbacena acaba de receber pela Náu Ganges huma carta de amores do Imperador, agradecendo-lhe o casamento, e fazendo-o sciente da inquietaçãõ em que se achava pela sua demora, aponto de o estar esperando de dia, e de noite fora da barra do Rio Janeiro! He certo que nesta carta naõ falla S. M. Imperial em cousa alguma á cerca de Portugal, e a razãõ disto salta aos olhos. O Imperador já deu todas as providencias que tinha a dár a respeito dos negocios d'aquelle Reino, e neste caso naõ tinha a tomar outras medidas. O estado dos negocios hé o mais agradavel possivel: há cousas que se naõ podem divulgar, por que estaõ em segredo, e por ora assim convêm; mas posso dizer-lhe, que se quizessemos ir sem Carta, há muito que la estavamos. E direi por ultimo ao Sr. Silva, que o Sr. Bar-

bacena tem todas as ideas de entrar para o ministerio logo que chegue ao Rio de Janeiro, e de fazer hum todo seu. Ora á vista disto, poderá haver duvida no cumprimento de todo e qualquer contracto, que se fizer com o Sr. Barbacena? Naõ, por certo.

O Sr. Val.—Peço a leitura dos Decretos, e mais papeis, que se achaõ sobre a mesa.

O Sr. Guer.—Huma vez que as negociações estão pendentes, taes papeis envolvem segredo, e por isso opponho-me á sua leitura. (Approvado sem mais discussão.)

O Sr. Palm.—Tenho-me abtido de fallar sobre o assumpto, por que naõ sendo eu o que heide prestar essas garantias, que o Sr. Silva exige, julguei que naõ devia fallar sobre a materia: agora porem, que a discussão está adiantada, sou obrigado a dizer ao Sr. Silva, apoiando-me no meu honrado collega o Sr. Guerreiro, que se o Sr. Silva estivesse em situação de poder entrar no amago, ou no intrincado labyrintho dos negocios diplomaticos e politicos, que tem passado, e estão passando actualmente pelas nossas mãos, estou certo que naõ hesitaria hum só momento em fazer hum emprestimo, naõ só de vinte milhões, porem de quarenta, se fosse necessario.

O Sr. Silva.—Ainda que eu naõ entendi taõ bem o Sr. Palmella, como os outros Senhores, que tem fallado, com tudo estou prompto a fazer o negocio.

O Sr. Val.—Levanto-me para fazer huma explicação ao Sr. Silva.—Aquella hé a lingoagem propria do Sr. Palmella, nem elle podia fugir para os termos vulgares; bem sabe o Sr. Silva que o politico por excellencia, o habil e consummado Diplomata, deve medir por hum compasso todas as suas palavras, e não se fazer jámais entender, nem tão pouco entendido, aliás não presta para nada. O Sr. Palmella queria dizer ao Sr. Silva, que não tivesse duvida em fazer o emprestimo, huma vez que o Sr. Barbacena se prestava a dár-lhe todas as garantias. Acrescentarei taõbem, que tudo quanto disse o meu esitmadissimo collega o Sr. Guerreiro, a respeito do presente estado dos nossos negocios, hé taõ exacto, que as mesmas noticias encontrará o Sr. Silva no Quadrant, e nos circuitos mais bem informados.

O Sr. Barb.—Entaõ estamos d'accordo, e podemos ficar certos de que o Sr. Silva se presta desde já a dár os dinheiros necessarios, fazendo-lhe eu bom o emprestimo de vinte milhões, ou d'aquella somma que assentarmos, e com as condições que forem justas.

O Sr. S*.—Não tenho duvida, logo que V. Exc. assigne o contracto, de dár ao Sr. Palmella as quantias que lhe forem necessarias; porem advirto a V. Exc., que em todo o caso o Brazil hade ficar responsavel pelo pagamento do emprestimo.

O Sr. Barb.—Nisso não haverá duvida alguma; mas como estamos a partir para Portsmouth, e eu precise ouvir sobre este negocio o Sr. M. de Rezende ali, querendo o Sr. Silva,

concluiremos o contracto, podendo de hoje em diante pôr á disposição do Sr. Palmella as somas que elle lhe requisitar; e advirto-lhe que o emprestimo será conservado em segredo presentemente, e não será publico sem o consentimento das altas partes contractantes.

O Sr. S^a.—Estou prompto, e ao primeiro aviso me acharei em Portsmouth. (retirou-se.)

O Sr. Guer.—Proponho agradecimentos ao nosso Tachigrapho pela sua boa lembrança, (approved, com grandes applausos da assembléa.)

O Sr. Balb.—Peço licença para fallar. (falle, falle.) Todos sabem o desinteresse, e a honra com que tenho servido a Nação n'esta última epocha, e o zelo com que me tenho empregado no real serviço de V. Exas.—todos sabem que não sou capaz de entrar em negociações improprias do meu character, e improprias do cargo que occupo—todos sabem que não tenho arredado do Strand hum shilling sequer :—todos sabem finalmente as privações que soffro, não podendo pagar ao açougue, nem ao padeiro: peço portanto o ser contemplado na repartição do dinheiro, que o meu amigo Silva puzer á disposição do Sr. Palmella.

O Sr. Barb.—Acho muito justa a petição do Sr. Balbino; são de sobejo publicas, e notorias as suas precisões; porem devo dizer-lhe, que se entenda a este respeito com o Sr. Palmella. (approved.)

O Sr. Val.—Proponho que saia da sala o Sr. Balbino, visto não ser já preciso, e a sessão estar a finalizar, (approvado, e sahio o Sr. Balbino.) E continuou o Sr. Valença.—Reservei-me para fallar no fim, e serei resumido. Vejo que está concluido hum emprestimo, e que portanto temos dinheiro; mas taobem vejo que as Letras, e os Emigrados jamais seraõ pagos, (á ordem, á ordem, á ordem—de todos os lados.) Quero fallar, estou na ordem, ninguem mais do que eu respeita a ordem, e por isso posso fallar; e de mais, eu sou inviolavel nas minhas opiniões, nem aqui está o Sr. D. Francisco de Almeida *para me fazer huma accusação, ou perseguir-me lá fora como calumniador*. Proponho pois a bem da causa, e dos Emigrados, que se convoquem tres Negociantes portuguezes da Praça de Londres, de reconhecido credito, e patriotismo, a fim de formarem huma Commissão para receber todos os dinheiros, ou tê-los á sua disposição, que hé a mesma cousa, e fazer todos os pagamentos que forem competentemente authorisados por nós; devendo a mesma Commissão formar huma escrituração de receita, e despeza, e proceder, em huma palavra, a todas aquellas operações que saõ inherentes a huma cousa que em portuguez se chama—ordem, arranjo, e legalidade—sem o que jámais poderá haver boa administração, e mais vale tarde, que nunca: e se agora há escassez de dinheiro, tanto maior attenção deve merecer este objecto, pois que não hé justo, que huns comaõ tudo, e outros morraõ á fome, como infelizmente está acontecendo. Nada de contas de sacco, nada de arbitrariedades, nada de ter o dinheiro á disposição de hum só homem sem responsabilidade, de hum homem que quando se lhe pede hum documento, responde—que o não pode apresen-

tar, por que não apparece, ou porque nunca existio! Huma confusaõ, huma desordem, em fim, hum cahos calculado, que equivale a huma voracidade sem limites! Devemos, portanto, afastar todo o odioso, que possa recahir sobre nós, pela má distribuiçãõ e applicaçãõ dos dinheiros, que são postos á nossa disposiçãõ.

O Sr. Guer.—Não posso por principio algum conformar-me com a opiniaõ do illustre preopinante o Sr. Valença. Em primeiro lugar, os dinheiros não são postos á nossa disposiçãõ, mas sim á do Sr. Palmella, como embaixador, e neste caso hé claro, que não somos responsaveis por actos, que se não podem dizer nossos, dado o caso, o que não he possivel, da má applicaçãõ dos dinheiros—Em segundo lugar, o systema economico—administrativo—e politico—até agora adoptado, hé o mais conforme, compacto, coherente, e legal, como tem mostrado a experiencia, nem era possivel descobrir outro melhor em contabilidade—O Sr. Palmella quer dinheiro, isto he, tem de destinar esta, ou aquella somma, para objectos secretos do real serviço, como os que dizem respeito á alta Policia; tem de ordenar este, ou aquelle pagamento, em beneficio da segurança publica; tem de applicar esta, ou aquella quantia, a favor de hum, ou outro descobridor de moeda falsa, e muitas vezes de quadrilhas de salteadores; tem de dár este, ou aquelle premio, a hum delator, &c.—V. Exc. taobem quer dinheiro, por que naturalmente quer receber o seu ordenado não só em dia, mas adiantado— eu taobem quero o mesmo, por que sempre ouvi dizer, que a caridade bem ordenada começava por nós; que expediente mais

prompto, mais rapido, e que menos embarços offereça, do que ter o Sr. Palmella o dinheiro no Banqueiro Cuttes á disposiçaõ do seu secretario Balbino, para ser entregue aos portadores dos seus checks? Quer o Sr. Valença dár a saber ao povo da Emigraçaõ, que estamos pagos em dia, e que temos mensalmente a mesquinha quantia que sabe? Quer ficar dependente de tres Negociantes, que podem ser tres malcriados, naõ obstante os costumes, e usos Inglezes; e que n'um accesso de loucura podem publicar aquillo, que tanto devemos occultar? Naõ repara o Sr. Valença, que estamos n'um Paiz, aonde pela imprensa, que eu tanto detesto, como se sabe, podemos ser horrivelmente batidos, e naõ sei se lhe diga, desmascarados, sem termos resposta alguma a dár, nem taõ pouco poder vingar-nos? Pensa que estamos em nossa casa, aonde podiamos fazer o que quizessemos, sem receio de nos tomarem contas, ou de nos arguirem? Nao vê que estamos em Inglaterra aonde as Leis, pelo que temos feito, protegem mais os nossos inimigos, do que as nossas pessoas? Por todos estas rasões despréso in limine, naõ a proposiçaõ do Sr. Valença, porem o seu desproposito.

O Sr. Val.—Nao me admiro . (foi interrompido.)

O Sr. Barb.—Já me tinha levantado para fallar. Acho de grande peso as razões produzidas pelo Sr. Guerreiro: sou portanto de parecer, quanto ao objecto em questaõ, que se siga o mesmo methodo, ou systema até aqui adoptado. Certamente elle hé o mais simples, e adequado ás nossas circunstanças: nada mais desagradavel do que pedir a outrem

aquillo que está na nossa mão. O systema offerecido pelo Sr. Valença, seria óptimo em qualquer outra conjunctura, mas no presente estado de cousas, hé inteiramente inutil, e desnecessario. Eu mesmo tenho de fazer aqui algumas despesas extraordinarias, e outras em Portsmouth, que não admittem delongas, nem rodeios—E que pode acontecer de seguir-se o mesmo systema, fallarse? Não se tem já fallado, gritado, e ralhado bastante? O merito consiste na coherencia; ralhem, fallem, e gritem muito embora, nós devemos ser coherentes. E bom será ir já notando esses falladores, como perturbadores da boa ordem, para em tempo competente. . não sei se me percebe, Sr. Guerreiro? V. S.^a já foi ministro da justiça, e sabe melhor do que eu como essas cousas se arranjam. Estou certo que no lugar em que o Sr. Guerreiro se acha actualmente, fará os maiores prodigios—dirá, por exemplo, n'um Bulletin, ou n'uma Proclamação, ou mesmo n'uma Circular aos Ministros Territoriaes, e da Côte, que fará depois publicar na Gazeta—nada mais offensivo da moral publica, do que a espionagem—e redobrá logo a espionagem—repétirá aos amigos, e sempre que se ache em publico—nada mais inutil n'um systema constitucional, do que hum Manique—e terá logo vinte Maniques, e outros tantos Aleixos—horrorisar-se-há sempre que ouvir fallar em denuncias em segredo—e admittirá logo as denuncias em segredo, &a. &a. Desviei-me do objecto em que staõ, por que o affecto que consagro ao Sr. Guerreiro, obrigou-me a fazer o elogio do seu mui alto, e distincto merecimento.

O Sr. Palm.—A lembrança do Sr. Valença hé judiciousa ; eu naõ a reprovoo, dezejo muito essa Commissaõ ; estou certo que naõ faltará quem a desempenhe ; naõ me oppoño por tanto ao seu estabelecimento ; porem hade-me assegurar primeiro o Sr. Valença—que o nosso corpo diplomatico será pago em dia ; e que sobre este negocio, como em todos os outros objectos particulares do real serviço, que exigem segredo, e a que nós os Diplomaticos costumamos chamar—de Gabinete—os taes negociantes, ou pessoas, que formarem a commissãõ, jamais revelaraõ o sigilo, que he indispensavel guardar sobre taes objectos. Huma vez que o Sr. Valença me assegure disto, eu requeiro que a Commissaõ seja decretada hoje mesmo.

O Sr. Val.—Naõ me cançarei em combater, e refutar as razões, que se tem produzido contra a minha proposta—porque além de me achar cançado, naõ quero perder a paciencia, nem o tempo : concordo portanto, com os principios machiavelicos da diplomacia da direita, e do jesuitismo da esquerda ; (foi chamado á ordem vinte e cinco vezes) porem haõ-de permittir-me huns, e outros Senhores, que eu fique convencido de que o methodo até aqui adoptado, hé o mais simples, e claro, o mais engenhoso, e admiravel ; por que hé sem questaõ, livre de todos os escruplos, e decide todas as duvidas. Naõ concordo todavia com a audacia do Sr. Guerreiro : as suas expressões grosseiras, e atrevidas . . .
(á ordem, á ordem, á ordem) Heide fallar, e fallo pela ultima vez, para descargo da minha consciencia. Ninguem mais do que eu conhece o ridiculo da Farça em que infelimente

tenho representado há mezes a esta parte, e por isso ninguem mais do. que eu deseja vêr-se para longe deste lugar : (fóra, fóra, fóra ; de ambos os lados.) Qual fóra, nem meio fóra ; heide (foi interrompido.)

O Sr. Barb.—Eis aqui os inconvenientes que offerece huma assembléa sem hum Presidente, e sem hum secretario, e sem hum regulamento interno! Cahi nesta, mas não cahirei n'outra, por certo. O Sr. Valença tem divergido muito além dos limites prescriptos pela prudencia, e pelo respeito. O Sr. Valença tem-se constituido réo, não digo de lesa-Magestade, mas de lesa-assembléa ; está pois no caso de hum processo : voto portanto pelo processo. (apoiado, apoiado.)

O Sr. Palm.—Porquem são, lembrem-se que estamos em Londres, e que ao mais pequeno rumor teremos essa rua cheia de populaxo Inglez, exigindo vêr-nos como se fossemos alguns animaes. O Sr. Guerreiro não fez mais que manifestar o seu dissentimento ; elle não quiz, por certo, atacar o Sr. Valença, e neste caso não deve o Sr. Valença dár-se por offendido da divergencia do Sr. Guerreiro. Deixem-se portanto de questões ; pensem hum pouco nas delicadas circumstancias em que nos achamos ; accomodem-se, lembrem-se que o emprestimo está concluido ; e acabe-se isto em bem, não demos argumentos para a intriga ; evite-se em fim hum desaire não pequeno, qual o de hum ajuntamento britanico á porta do Palacio do governo, em South Audley Street.

O Sr. Guerreiro.—Casos extraordinarios, exigem medidas extraordinarias : voto pelo processo ; e proponho que o Sr.

Valença seja posto fóra da sala, quanto antes. (apoiado apoiado.)

O Sr. Val.—De cima desta cadeira não sahirei nem a páu sem primeiro acabar o meu discurso.—Tudo quanto aqui se tem feito, hé nullo; (grandes gritos na assembléa) tudo hé nullo, porque nunca estivemos legalmente constituídos; (grande sussurro) esse mesmo emprestimo, que se vai contrahir agora, hé mais hum engano; (morra—naõ se soube se esta voz tinha sahido do lado direito, se do lado esquerdo,) e fez-se com o mesmo direito, com que se tem feito commendadores, e conselheiros—por todas estas razões, tenho a fazer hum (interrompido.)

O Sr. Barb.—He indispensavel tomar huma deliberação a respeito do Sr. V.: proponho que seja posto fóra da sala violentamente, e sem perda de tempo. Hum exemplo moderno authoriza esta medida; a differença está em não termos Grana-deiros, ou Gendarmerie, porem temos Watchmen, que hé a mesma cousa.

O Sr. Guer.—Para o pôr fora da sala basta o Jorge, (aprovado.)

Toca-se a campainha, entra o Cocles e diz.—Que querem V. Exas.? Chamé lá o Jorge.—Sim Sr., responde o Cocles, e dá este recado.—Meu amo recomendou-me que dissesse a esta assembléa, que se não esquecesse do seu requerimento. Quem hé seu amo, pergunta o Sr. Barbacena? Hé o Sr.

Balbino, responde o Cocles. Va-se embora, não seja tolo, tornou-lhe o Sr. Barbacena.

Entra o Jorge, pega no Sr. Valença ao colo, e põe-no fóra da porta.

O Sr. Barb.—Agora que está restabelecida a ordem na assembléa, devo dizer por ultimo ao Sr. Palmella, que nada tenho com as cousas de Portugal, nem com as Emigrados, que podem, segundo a opiniaõ do Sr. Guerreiro, comer batatas, ou ir tratar da sua vida; por tanto, disponha V. Exa. do dinheiro do emprestimo como lhe parecer, applicando-o aos objectos de maior urgencia; e lembre-se do Sr. Guerreiro, visto elle estar d' accordo; e lembre-se taobem da peticãõ do nosso Balbino.—E quanto ao cumprimento do que se ajustou com o Silva, lá no Rio veremos como isso hade ser.

O Sr. Guer.—Como a presente sessaõ está acabada, proponho que se mande huma Deputaçãõ ao Río de Janeiro, para dar parte a S. M. Imperial dos nossos trabalhos: e felicita-lo pelo desvelo comque procura fazer a nossa fortuna.

O Sr. Barb.—O Sr. Guerreiro não se lembra certamente que eu estou a partir para o Rio, e que neste caso he desnecessario mandar humã Deputaçãõ ao Imperador.

O Sr. Guer.—Tem V. Exa. muita razaõ; retiro a minha moçaõ, e proponho que V. Exa. leve á presença de S. M. Imperial a conta dos nossos trabalhos, e a felicitaçãõ de que tratei. (approvado.)

A este tempo sente-se fora grande rumor, e no mesmo momento he sorprendida a assembléa por hum grande numero de pessoas, que entraõ tumultuariamente na sala, em grandes gritos, e com o Sr. Valença no ar. S. Exã. pede entaõ que o deixem ir para sua casa, visto achar-se mui fatigado, e não poder por isso acabar o seu discurso, na forma que pertendiaõ as pessoas, que tinhaõ na mão o Sr. Valença como em triumpho. Retirou-se pois o Sr. Valença, acompanhado de seis individuos, ficando trinta na assembléa.

O Sr. Barbacena em attitudé guerreira, e presumindo achar-se no mesmo apuro em que se achou certo General Francez, que com promessas de protecçaõ até limpou a prata das Igrejas; assim falla ao ajuntamento.—Que delirio hé o vosso? Esqueceis-vos que o grande Imperador, meu amo, enviou-me á Europa para vos proteger, e que eu vos tenho protegido?—

Naõ foi possivel ao Sr. Barbacena continuar na sua falla, por ter sido interrompido, pelo seguinte Coro de trinta vozes emigrantes.

Conheceis que sômos Emigrados, e assim nos fallais? Que ousadia! Acabou-se o sofrimento: depois de tantos males, hum Protesto nos chamou ás armas, huma Junta, e hum Belfast nos acabaraõ de perder.

A este tempo salta hum dos trinta á cadeira do Sr. Valença, e ahi desenrola este speech.

“Do seio das desgraças, e dos infortunios, não sahirá alguma lição que vos seja proveitosa? Ignorais por ventura que tudo que fazeis hé recebido com desgosto; e tudo que dizeis só encontra incredulidade? Ignorais que a vossa authoridade, que não infunde nem respeito, nem obediencia, tem sido tão sómente nominal? Ignorais que os Emigrados Portuguezes estão cançados de vos vêr, e que o mesmo bem lhe parece mui caro, se tem de o comprar com a prolongação do vosso despotismo? Ignorais que depois de haverdes descontentado a todos os Emigrados, punis ainda as suas queixas, a sua fome, a sua miseria, e a sua desgraça, como crimes, substituindo a huma regular destribuição de soccorros, o abandono, e o desprezo? Pode acaso esquecer a alguem a má administração dos fundos que tem sido postos á vossa disposição; as vossas mentiras, os vossos embustes, e os vossos enganos? Pode acaso esquecer a alguém as vossas contradicções, signal de incapacidade; a audacia de alguns dos vossos empregados; e a mistura, finalmente, de fraqueza, e atrevimento, de nimia complacência para com huns, e de insolencia para com outros? Não, por certo.”

“Esta tem sido a vossa conducta; e eis-aqui o que vos tem collocado em hostilidade com os Emigrados Portuguezes, e o que torna o vosso poder perigoso em toda a parte.”

Acabado este discurso sahirão da sala os trinta individuos, na melhor ordem possível; e o Sr. Barbacena rompeu nestas palavras.

“Nunca na minha vida sofri maior insulto; confesso que me não torno a metter n’outra; não foi o tal speech, que me fez suar, foi o Coro, porque nunca vi homens mais désafinados; nunca pensei que huma sessão secreta acabasse por semelhante modo; em fim acaba-se já esta maldita sessão, e abalemos d’aqui para Portsmouth, quanto antes.” (Approvado, e assim se deu por finda esta sessão, que teve lugar no dia 21. de Agosto de 1829.)

